

AMOSTRA

**GRAN  
CABARET  
DEMENZIAL**

**VERONICA  
STIGGER**

AMOSTRA



Rio de Janeiro, 2024

**GRAN  
CABARET  
DEMENZIAL**

# ❖ Programa ❖

Domitila	2
Roma 40°	8
Na escada rolante	10
Metrô	12
Legenda	14
Cubículo	16
Você conhece a cocada mole?	22
Marta e o Minhocão	24
Inquisições	30
Argumentum chronologicum	32
A vaca	40
O velho	42
Olívia Palito	46
Destinos	56
Sheila e Miguelão	58
Festa de casamento	60
Luana	68
Tristeza e Isidoro	70
Piauí	100

AMOSTRA

**GRAN  
CABARET  
DEMIENZIAL**

AMOSTRA

**Domitila**

*In Brazil, whatever your crime of choice, Sunday is the day to do it.*

*Caleb Neelon (Sonik)*

**D**omingo, 25 de janeiro, 15 horas: Domitila está passeando de automóvel com o namorado. Ela abre o vidro da janela pela metade e estica a cabeça para fora. 2 minutos e meio depois, eles param num semáforo e ela acena para as crianças do automóvel ao lado. Estas retribuem o gesto com risadas mudas (as janelas daquele veículo estão cerradas). Após 1 minuto, o sinal abre e o namorado de Domitila acelera bruscamente, o que faz com que o contato dos pneus em movimento com o asfalto produza um desagradável som agudo. Passam-se 43 segundos e uma das rodas do automóvel afunda num buraco. Com o solavanco, Domitila, que ainda se entretinha com as crianças, enfia o olho direito no vidro semiaberto. 11 segundos e o olho já está vermelho, muito vermelho. Domitila pisca muito, produz involuntariamente lágrimas e secreção, enquanto continua a acenar para as crianças que se afastam por uma rua transversal. O namorado segue pela mesma avenida por mais 98 metros. O olho de Domitila permanece vermelho e em incessante produção de fluidos. O namorado dobra à esquerda numa rua mais estreita, a qual desce a 120 quilômetros por hora. Domitila abre totalmente o vidro. Apoia o cotovelo direito na janela e ergue o antebraço. Fica brincando de tentar apanhar o vento com a mão durante 8 minutos, 1 avenida larga e 2 ruas pequenas.

Já são 15 horas e 19 minutos. O namorado continua a correr. Apesar da velocidade alta, eles seguem pela pista da direita. Com o olho bom, Domitila divisa um poste. Ela estende o braço para tentar tocá-lo. Seus dedos – com exceção do polegar – o atingem com tamanha intensidade que dois deles se desprendem e caem e os outros dois viram para trás, formando um ângulo de 90 graus com o resto da mão. Domitila se vira e ainda consegue ver o fura-bolos e o pai de todos jogados na sarjeta. Ela se volta para a frente, segura com força os dois dedos que restaram – além do polegar – e, com um puxão, os coloca no lugar. O sangue escorre dos dois buracos de sua mão. Seu vestido começa a manchar. O tapete do automóvel também. O namorado dirige. Com uma curva fechada, ele entra na avenida grande e segue pela pista central. Domitila põe novamente para fora o braço de três dedos. Um motoqueiro, que vem pela direita, buzina. Também ele anda acima do limite de velocidade. Domitila não recolhe o braço. O motoqueiro tenta desviar, mas não consegue, porque há um outro automóvel ainda mais à direita. O motoqueiro bate no braço de Domitila, perde o controle da direção e colide com o automóvel à direita. O antebraço de Domitila entorta e quebra. Os ossos do cotovelo ficam expostos. Com o choque, o motoqueiro é lançado à calçada. O namorado para o automóvel e desce. O motorista do outro automóvel também para e desce. Domitila, não. Domitila acompanha tudo pela janela aberta. O namorado vai até a calçada e olha para o motoqueiro. O motorista do outro automóvel, que nada sofreu com o incidente, faz o mesmo. O motoqueiro não se mexe. O namorado chuta o que já é corpo e constata: “Morto”. Ele volta para o seu automóvel. O motorista permanece ao lado

do cadáver. O namorado arranca de súbito. A partida é tão violenta que a cabeça de Domitila, como uma bola, quica no espaldar do banco e torna para frente: sua testa bate com força no painel. 11 segundos e sua testa está roxa. Um galo se anuncia.

Já são 16 horas e 37 minutos. O namorado pega outra avenida. Segue por ela por mais 450 metros a 97 quilômetros por hora. Depois, envereda por uma série de ruas menores e ligeiramente arborizadas. Ele está levando Domitila para tomar sorvete na zona oeste. Domitila prossegue de vidro aberto, com a cabeça para fora. Ela continua a piscar. Os dois buracos da sua mão agora sangram menos. Os ossos do cotovelo, é claro, ainda estão expostos. O namorado corre na medida do que permite a estreiteza das ruas e as curvas fechadas. Passam-se 7 minutos. Domitila estica novamente o braço de três dedos para fora. Embora a rua seja pequena, ela não alcança as árvores com a mão. Mais 2 minutos e Domitila se põe de joelhos no banco do passageiro. Com o braço intacto, se apoia no painel. Projeta o tronco para fora da janela e espicha o braço ruim o máximo que pode. Conforme se aproxima de uma árvore, vai se preparando para dar o tapa. Ela bate com força e o braço se vai. Menos de 11 segundos e espirra sangue do toquinho restante. Suja a janela, o para-brisa, o revestimento interno do automóvel, a alavanca de câmbio, o freio de mão, o vestido de Domitila e o lado direito dos cabelos do namorado.

Já são 17 horas e 13 minutos. O namorado estaciona a dois prédios de distância da sorveteria. Eles descem do automóvel. O sangue ainda jorra do toquinho. Eles passam por um edifício com cerca elétrica. Ela salta e toca na cerca com o



braço intacto. O contato com a corrente intermitente lança o braço de Domitila para trás, deslocando o ombro esquerdo. Domitila bate várias vezes com o ombro contra um muro até que consegue recolocá-lo no lugar. Eles entram na sorveteria seguidos pelo sangue do toquinho de Domitila. Ela diz que vai ao banheiro. Lá, rasga a barra do vestido com os dentes e, usando a boca e o braço que sobrou, se contorce para fazer um torniquete no toquinho. O sangue vai parando aos poucos. Nisso se vão 23 minutos. O namorado espera do lado de fora, com os dois sorvetes derretendo nas mãos. Com um esforço considerável, Domitila baixa a calcinha, senta-se no vaso e urina por 47 segundos. Ergue-se, puxa a calcinha e ajeita o vestido. Lava a mão remanescente e sai. Depois, toma o sorvete, ou o que restou dele, sentada numa das mesas da calçada. Quando vê um ônibus se aproximar, sai correndo e para no meio da rua. O ônibus freia, derrapa e bate com a lateral em Domitila, que é arremessada na outra pista. Um automóvel passa por cima das pernas dela. O namorado tenta levantá-la, mas ela só consegue se arrastar.

6



GRAN CABARET  
DEMENTIAL

Já são 18 horas e 9 minutos. Domitila deve voltar para casa. Às 18 horas e 53 minutos, o namorado deposita Domitila à porta do prédio e vai embora. Domitila se arrasta pelas escadas que levam ao 3º e último andar. 49 minutos depois, Domitila bate à porta do apartamento dos seus pais, onde mora. Sua mãe atende, se abaixa para beijá-la na testa roxa e diz: “Vai tomar seu banho que o jantar já está quase pronto”. Domitila se arrasta até o banheiro. Despe-se com uma certa dificuldade. Pega sua gilete com a única mão e, com a inaptidão comum aos destros forçados a usarem a

mão esquerda, concentra-se para fazer cortes profundos em torno dos mamilos de ambos os seios, bem em cima dos talhos que ela vem produzindo diariamente ao longo das últimas 3 semanas e 4 dias. Desta vez, a parte de cima do mamilo esquerdo entorna. Domitila sorri e pensa: “Mais uns dias, e eles caem”.

AMOSTRA

AMOSTRA

**Roma 40°**

La bambola  
si fu  
al sole

AMOSTRA

# Na Escada Rolante

AMOSTRA

O fato se deu na escada rolante de uma das três estações de metrô com acesso à ferrovia. O casal suíço de meia-idade, que passava pela primeira vez o verão no *bel paese*, acabara de visitar o túmulo de Shelley. Ela – de bermuda rosa e viseira laranja de plástico, grisalha, um metro e setenta e quatro e bastante fornida – desceu na frente. Ele – de bermuda floreada até o joelho e boné escuro da Nike, calvo, um metro e oitenta e dois, aposentado e nem tão fornido – retardou-se um tanto porque avistara, numa banca de revistas próxima à escada rolante, um calendário com fotos do antigo ditador local, em meio àqueles de mulher pelada. Distraído, especulando sobre se o ditador estaria nu ou vestido (e, se nu, sobre quem compraria tal mercadoria), não viu ou ouviu o momento em que sua esposa começou a ser tragada pela escada rolante. Os funcionários daquela estação tinham, há pouco, desmontado a escada para limpeza e tornado a montá-la, mas não aparafusaram direito um dos degraus. Quando a suíça fornida pisou na escada, o degrau cedeu, e suas pernas afundaram. O seu corpo foi paulatinamente mascado pelas engrenagens. Nem mesmo o marido soube informar se foi o irritante barulho dos ossos sendo quebrados ou os gritos aterrorizados dos passantes que o despertaram de seu encafifamento. Quando ele se deu conta de que perdia a mulher, restava a ela, inteiro, somente um braço – e a mão correspondente, que, dedos abertos, tremelicava no ar. Na dúvida se aquilo era um último aceno, um pedido de socorro ou um espasmo de dor, o marido, otimista, acenou-lhe de volta.



**Metro**

AMOSTRA

Tiburtina Faso  
uscita alla finestra  
prossima fermata

*S. M. Soccorso*

AMOSTRA